



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10642 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 01 - História da Educação

EDUCAÇÃO NO CONTEXTO PANDÊMICO: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA QUE ATUA NUMA ESCOLA DO CAMPO NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

Darciel Pasinato - UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Agência e/ou Instituição Financiadora: Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD/CAPES)

EDUCAÇÃO NO CONTEXTO PANDÊMICO: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA QUE ATUA NUMA ESCOLA DO CAMPO NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

RESUMO: O estudo tem por objetivo analisar as memórias de uma professora que atua na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Luís, localizada na comunidade de Bela Vista, no interior do município de Selbach, Rio Grande do Sul, Brasil, no contexto da pandemia de COVID-19. Optou-se pela entrevista valendo-se da metodologia da História Oral. A entrevista foi utilizada como recurso para a narrativa. Ao ouvir, considerou-se a questão do tempo e das opiniões. As memórias da professora Beatriz (2020) retrataram o contexto da Educação Básica no momento mais crítico da pandemia, ao longo do ano de 2020, quando a população ainda não estava vacinada e as escolas estavam fechadas por causa da propagação do coronavírus.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias. História Oral. Pandemia.

O estudo tem por objetivo analisar as memórias de uma professora que atua na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Luís, localizada na comunidade de Bela Vista, no interior do município de Selbach, Rio Grande do Sul, Brasil, no contexto da pandemia de COVID-19. Além da introdução e das considerações finais, o trabalho se divide em três partes. Na primeira parte, analisamos o aporte teórico e metodológico da pesquisa. Na segunda parte, estudamos a educação no contexto pandêmico. Na terceira parte, analisamos as

narrativas de uma professora de escola do campo em plena pandemia.

O referencial teórico deste trabalho orienta-se, a partir da corrente historiográfica da nova história cultural que compreende a história através de novos olhares e abordagens, sujeitos, que não se prendem mais apenas ao estudo do passado. Dessa forma, Pesavento (2012) salienta que com o surgimento da história cultural, novos parceiros aparecem, em função das questões formuladas, das temáticas e objetos novos, das renovadas fontes com as quais o historiador passa a trabalhar. Pode-se mesmo dialogar através de um novo enfoque, que joga a história nas fronteiras do conhecimento.

Halbwachs (2004) nos leva a entender a memória como constituída pelas dimensões sociais, históricas e culturais. As recordações que ficam em cada pessoa referem-se àquilo que é vivido, dividido entre os membros dos seus grupos de interesse, e sempre, tais memórias representam à lembrança da história oficial. O conteúdo das mesmas necessita dos grupos com os quais partilhamos viveres e inserções sociais que se instigam ao vivido, ao tempo, à memória. Já Bosi (1994), por exemplo, cuida da memória como pertencente e resultado de um conjunto de procedimentos internos ao corpo, fora de relação com o social.

Teixeira (2007) ressalta que narrar é memória do mundo vivido, distante e passado, repleto de saberes, ensinamentos, conselhos e práticas de vida organizadas em processos e transformações. E ainda, a narrativa se alimenta da memória para relatar o que aconteceu ao redor de determinada experiência. A lembrança só se faz através do presente, é o homem no chão sobre suas pernas, que sustenta o relembrar, pois ele está interado, entrelaçado no presente que constrói o laço com o vivido e ocorrido. Desse modo, a memória é relembrar a partir das experiências do presente.

Optamos pela metodologia da História Oral. Thompson (1992, p. 45), “[...] chama atenção para a sua importância tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira espécie de história”. Consequentemente, a História Oral é um método para a pesquisa, institui-se de uma prática que existe desde que o homem é homem, que é a do relatar vivido, de dizer a experiência para o outro.

De acordo com Alberti (2004, p. 36), “[...] a História Oral investiga a memória lá onde ela não é apenas significado, mas também acontecimento, ação”. Se a história dos humanos é construída por eles mesmos como mostra Alberti (2004), ponderamos que é possível, por consequência, descobrir sinais dessa autoconstrução no momento que esses sujeitos contam suas experiências envolvidas em circunstâncias, momentos de convergências e divergências, acontecimentos incompletos, uma vez que ainda estão vivos na memória; outros, largados, contudo que podem vir à tona, em conversas e conflitos cujas marcas ainda são vivas.

Entrevistamos uma professora da Escola Municipal São Luís, a partir das memórias coletada ao longo da pesquisa realizada entre março e dezembro de 2020. Utilizamos um nome fictício para preservar a identidade e não expor a opinião da docente. Optou-se pela

entrevista valendo-se da metodologia da História Oral. Usando-se desta modalidade, elaboramos um roteiro de questões, que se transformaram nas seguintes categorias de análise: a) desafios para os professores e alunos na educação durante a pandemia; b) preocupação dos docentes em relação aos impactos da pandemia na educação; c) papel dos pais no novo modelo educacional imposto pelo coronavírus; d) aproximação das aulas remotas com a família e a vida escolar dos filhos; e) lições deste momento histórico para a área da educação do campo e da sociedade.

A entrevista foi utilizada como recurso para a narrativa. Ao ouvir, considerou-se a questão do tempo e das opiniões. As declarações descrevem um modo de reproduzir, agir e ser de indivíduos. Proveniente de combinações entre a narrativa e a criação. A entrevista acredita que possa evidenciar peculiaridades tanto relativas às histórias de vida dos narradores, bem como as entrelaçadas no contexto situacional. No bate-papo foi possível estimular a professora a trazer elementos que marcaram a sua atuação docente no contexto de pandemia da COVID-19 numa pequena escola do campo. Seguindo o que determina o Comitê de Ética em Pesquisa da XXX, a entrevistada assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Com o fechamento das escolas, devido a propagação da COVID-19, os discentes, ficaram em casa. Diante da preocupação de não os deixar sem atenção escolar o Ministério da Educação (MEC) junto com os Conselhos de Educação Nacional e Estaduais indicaram que o atendimento educacional fosse feito de forma remota. O ensino remoto, com a utilização de plataformas como o *Google Classroom*, ou ainda, redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, entre outras. Nas palavras de Monteiro (2020, p. 240), “[...] o que poderia ser uma possibilidade de manter uma comunicação ativa entre a escola e a família, entre os professores e os estudantes, de acolhimento e atenção nesse momento de distanciamento social, acabou ganhando contornos não muito acolhedores”.

A situação causada pela pandemia revelou ainda mais as mazelas educacionais. Nenhum profissional da educação, estava pronto para enfrentar as dificuldades surgidas, contudo, barreiras no desenvolvimento de aulas remotas nos leva, a constatar o baixo investimento educacional, bem como a falta de políticas permanentes de formação e valorização docente (BEZERRA; VELOSO; RIBEIRO, 2021).

A questão das tecnologias, reflete de forma direta no mundo do trabalho e não é distinta no universo educacional. Portanto, ambientes automatizados demandam uma nova formação de cidadão, um novo perfil do trabalhador, com competência, conhecimento crítico, inovador e mais amplo, “[...] resultando em condições que lhe permitam integrar-se plena e conscientemente nas tarefas que possivelmente desempenhará em sua profissão e em sua vida” (MISKULIN, 1999, p. 41).

O domínio do professor sobre as tecnologias existentes e sua aplicação na prática, e isso atravessa, inevitavelmente, por uma boa formação acadêmica; que a escola seja dotada de boa

estrutura física e material, que possibilite o emprego dessas tecnologias durante as aulas. O poder público precisa investir em capacitação, para que o professor seja capaz de atualizar-se frente às mudanças e aos avanços tecnológicos, que “[...] os currículos escolares possam integrar a utilização das novas tecnologias aos blocos de conteúdos das diversas disciplinas” (LEITE; RIBEIRO, 2012, p. 175).

O convite para (re)inventarmos enquanto docentes não é novidade. Possivelmente com outros nomes, todavia sua natureza de (re)invenção permanece. É o chamado que vem sendo feito por Nóvoa (1999) e por Schön (1997), para que sejamos professores reflexivos, isto é, profissionais capacitados para refletir, investigar e questionar a própria prática com o objetivo de atuar e aperfeiçoá-la construindo uma atuação autônoma, proporcionando, também aos estudantes, a construção da autonomia, tão relevante em tempos de crise em que a tomada de definição é um imperativo. É, da mesma forma, convite feito por Becker e Marques (2010), para que sejamos professores-pesquisadores, cuja essencial característica é explicar o que ensina por força de uma atividade observadora e reflexiva da própria prática, levando em conta tanto a própria condição quanto a do estudante em termos cognitivos, sociais, econômicos e tecnológicos.

Araújo et al. (2021), mostra o exercício da docência e do aprender, no contexto da pandemia, revela, em princípio, a desigualdade de acesso aos meios de comunicação e informação, porque diversos estudantes e professores enfrentam a falta de recursos diversos que vão, desde a alimentação, antes garantida pelo estado através da escola, à demanda de ferramentas digitais, como um celular ou computador, o acesso à internet e a convergência a um ambiente ou local, onde os sujeitos possam desenvolver seu trabalho ou estudo de forma qualitativa.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São Luís, localiza-se na comunidade de Bela Vista, interior do município de Selbach, no norte do Rio Grande do Sul, Brasil. Atualmente tem doze alunos, da pré-escola até o quinto ano do Ensino Fundamental. Também conta, com uma diretora, e mais duas professoras, além de uma pessoa responsável pela merenda e pela limpeza da escola. Devido ao número reduzido de alunos, funciona apenas no turno da tarde e são classes multisseriadas.

A primeira escola foi construída em 1920, sendo inicialmente uma instituição particular e comunitária. Na década de 1960, a Escola São Luís tinha mais de 100 alunos. A escola recebeu esse nome devido ao padroeiro da comunidade e teve sempre como característica a valorização da religião. Em 1974, surgiu o transporte escolar no município de Selbach. Em 1988, criaram-se as escolas polos. A Escola São Luis recebeu os alunos da comunidade de São Pascoal (SCHNEIDER; WENTZ, 1992).

A comunidade escolar é constituída por famílias oriundas das localidades de Bela Vista, São Pascoal, Linha Floresta e do município vizinho de XV de Novembro. As principais atividades econômicas são a agricultura e a pecuária. A escola possui um pátio amplo com

duas caixas de areia, um parque para recreação e gramado. Conta com três salas de aula, sala de direção, sala dos professores, sala de informática, lavanderia, sala de materiais de educação física e jogos, banheiros, cozinha com refeitório e sala de leitura. Também possui uma horta e um pomar.

A professora Beatriz (2020) destaca que, o maior desafio para os professores e alunos na educação durante a pandemia foi conseguir passar o conteúdo através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Teve uma mudança grande na questão dos conteúdos. O uso das novas tecnologias foi um desafio. Acredito que o maior desafio foi fazer entender o que nós queremos transmitir para os alunos. Com a plataforma digital conseguimos chegar nos alunos. Pela Escola São Luís se comunicamos pelas redes sociais, porém as redes sociais não são tecnologias para ensinar (BEATRIZ, 2020).

A utilização das novas tecnologias educacionais permitiu o contato com os alunos na fase mais crítica da pandemia. No que diz respeito a preocupação dos docentes em relação aos impactos da pandemia na educação, a professora Beatriz (2020) salienta que, o que mais preocupa é como os alunos vão chegar no ano que vem (2021) em termos de aprendizagem.

Muitos alunos estão procurando ajuda em pediatras e psicólogos. Os alunos sentem falta da escola. No interior são poucos alunos, se conhecem bem e se abraçam. Emocionalmente os alunos estão abalados. Que alunos vamos receber, que avaliação faremos, o acompanhamento familiar foi diferente. A pandemia veio para mostrar que temos que investir, a tecnologia tem que fazer parte do currículo, porém não vai substituir o professor (BEATRIZ, 2021).

O distanciamento social imposto pela pandemia, transformou a vida dos alunos e professores. Por isso, muitos tiveram que procurar tratamentos contra a ansiedade e a depressão. Nas palavras da professora Beatriz (2020), o papel dos pais no novo modelo educacional imposto pelo coronavírus fez toda a diferença.

Os pais foram chamados para o compromisso. Tiveram que explicar os conteúdos, foram auxiliares dos professores. A maioria dos pais está muito tempo longe da escola. Os pais pediam socorro quando não conseguiam ajudar os filhos. Para todos os pais foi desafiador. A maioria dos pais são agricultores e não lembra, os conteúdos. A tarefa escolar foi um peso. Os pais estavam cansados e ajudavam nas tarefas. Os pais deram o seu melhor no interior (BEATRIZ, 2020).

A pandemia revelou a importância da família acompanhar as atividades escolares dos seus filhos. A professora Beatriz (2020) ressalta que a aproximação das aulas remotas com a família e a vida escolar dos filhos foi positiva.

Os pais não tiveram como fugir do compromisso. A pandemia aproximou a escola dos pais. Antes os pais não sabiam nem o que os alunos estudavam. Até pelo fato de não saber resolver as atividades entram em contato com o docente. No presencial, os professores resolviam as dúvidas, agora os pais tentam resolver. O pai e a mãe conheceram a vida escolar do filho. Os pais perceberam que o trabalho do docente é desafiador (BEATRIZ, 2020).

Os pais foram os docentes de seus filhos no período que, as escolas estiveram fechadas e perceberam como é difícil ser professor. Na opinião da professora Beatriz (2020), são várias lições deste momento histórico para a área da educação do campo e da sociedade.

Na educação, não podemos fechar os olhos para a tecnologia. Os alunos das escolas rurais tem o mesmo direito das outras escolas. O poder público tem que investir em tecnologia, é qualidade na educação. Tem que investir na formação dos professores, tem que capacitar os professores. Outra lição, o professor é uma peça chave na educação. O ensino presencial em algum momento é fundamental, tem que ter um equilíbrio entre o presencial e o remoto. A sociedade mais do que nunca aprendeu a valorizar os professores. Quando os pais viraram docentes perceberam a importância do professor. A última lição, a família tem muita importância no processo educacional, está mais próxima dos alunos (BEATRIZ, 2020).

A pandemia de COVID-19 mostrou a importância dos professores. Mesmo com o avanço das tecnologias digitais, dificilmente os docentes serão substituídos. O poder público precisa investir na formação dos professores. É um investimento que a longo prazo vai trazer resultados no processo de ensino e aprendizagem. As escolas do campo tem o mesmo direito do que qualquer escola urbana no que diz respeito ao acesso as tecnologias digitais.

A condição docente hoje, tem um passado, nela há um sujeito sociocultural que se lembra, tem identidades, sabe do local que veio, por onde cruzou, com quem conversou e trocou experiências. São memórias que mostram os narradores por onde e por intermédio de quais processos se desenvolveram. Porque, mais uma vez, fazemos insinuações cheias de histórias e expectativas, como nos dizem Brandão (1998) e Benjamin (1994).

O memorial concebe experiências transcorridas pelo cotidiano escolar, especialmente dentro das salas de aula, onde a maior parte de uma vida docente e discente sucedesse. Arroyo (2000, p. 17) ressalta que “[...] estamos atrás de nossa identidade de mestres. O que não mudou, talvez, possa ser um caminho tão fecundo para entender-nos. Todos os mestres repetem hábitos e traços, saberes e fazeres. Nosso ofício carrega uma longa memória”.

Por fim, as memórias da professora Beatriz (2020) retrataram o contexto da Educação Básica no momento mais crítico da pandemia, ao longo do ano de 2020, quando a população ainda não estava vacinada e as escolas estavam fechadas por causa da propagação do coronavírus. A esperança da docente é que os professores sejam mais valorizados pela

sociedade em virtude da importância que os mesmos exercem no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARAÚJO, Ervendice M. *et al.* Domínios y dificultades digitales de los estudiantes del curso de Pedagogía de la Universidad Estatal de Ceará (Brasil) a través de lá educación a distancia. **EDMETIC**, v. 10, n. 1, p. 40-57, 2021.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BECKER, Fernando; MARQUES, Tania B. I. (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA, Narjara P. X.; VELOSO, Antonia P.; RIBEIRO, Emerson. Resignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos R. **Memória-Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**. São Paulo: Editorial Cone Sul: Editora UNIUBE, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

LEITE, Werlayne S.; RIBEIRO, Carlos A. A inclusão das TICs na educação brasileira:

problemas e desafios. **Magis: Revista Internacional de Investigación en Educación**, v. 5, n. 10, p. 173-187, 2012.

MONTEIRO, Sandrelena S. (Re)inventar educação escolar no Brasil em tempos da COVID-19. **Rev. Augustus**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p. 237-254, jul./out. 2020.

MISKULIN, Rosana G. S. **Concepções teórico-metodológicas sobre a introdução e a utilização de computadores no processo ensino/aprendizagem da geometria**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 1999.

NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, 1999.

PESAVENTO, Sandra J. **História e história cultural**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SCHNEIDER, Inque; WENTZ, Neusa M. E. **Um povo e suas histórias**. Prefeitura Municipal de Selbach. Secretaria Municipal de Educação, 1992.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997. p. 93-114.

TEIXEIRA, Inês A. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.